

## EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO DE FAMÍLIAS COM ADOLESCENTES: UM ESTUDO DE REVISÃO

SEXUAL EDUCATION WITHIN THE CONTEXT OF FAMILIES WITH ADOLESCENTS: A REVIEW STUDY

LA EDUCACIÓN SEXUAL EN EL CONTEXTO DE LAS FAMÍLIAS CON ADOLESCENTES: UM ESTUDIO DE REVISIÓN

Ligia Caroline Pereira Pimenta<sup>1</sup>  Celia Regina Rangel Nascimento<sup>2</sup>  Matheus Philippe Souza Rodrigues<sup>3</sup> 

**Resumo:** Por meio de revisão narrativa da literatura brasileira, com recorte temporal das décadas de 2012-2022, buscou-se responder a seguinte questão: Como as famílias brasileiras têm tratado do tema da sexualidade com seus filhos adolescentes? Após levantamento na literatura científica, foram selecionados 26 textos os quais foram lidos na íntegra. O material foi analisado com base na Análise Temática. Os resultados evidenciaram que as dificuldades das famílias em lidar com a sexualidade de filhos adolescentes foram maiores do que as facilidades, incluindo uso de práticas repressivas e uso de mitos. Ensinar sobre sexualidade, principalmente pelo exemplo, é fundamental em todas as idades, mas as famílias têm dificuldade em cultivar a aproximação com o tema, de forma a favorecer um diálogo emancipatório com seus filhos que contribuiria para práticas saudáveis. É importante investir mais em ações e programas que apoiem as famílias na educação sexual dos filhos.

**Palavras-chave:** Educação Sexual; Família; Adolescência; Sexualidade; Desenvolvimento Humano.

**Abstract:** By means of a narrative review of the Brazilian literature, covering the decade 2012-2022, we sought to answer the following question: How have Brazilian families dealt with the issue of sexuality with their adolescent children? After surveying the scientific literature, 26 texts were selected and read in full. The material was analyzed using Thematic Analysis. The results showed that families' difficulties in dealing with their adolescent children's sexuality were greater than their difficulties, including the use of repressive practices and myths. Teaching about sexuality, especially by example, is fundamental at all ages, but families find it difficult to cultivate a rapprochement with the subject in order to foster an emancipatory dialogue with their children that would contribute to healthy practices. It is important to invest more in actions and programs that support families in the sexual education of their children.

**Keywords:** Sex education; Family; Adolescence; Sexuality; Human Development.

**Resumén:** Por medio de una revisión narrativa de la literatura brasileña, que abarca la década 2012-2022, se buscó responder a la siguiente pregunta: ¿Cómo las familias brasileñas han tratado el tema de la sexualidad con sus hijos adolescentes? Después de un relevamiento de la literatura científica, se seleccionaron 26 textos, que fueron leídos en su totalidad. El material fue analizado por medio del Análisis Temático. Los resultados mostraron que las dificultades de las familias para lidiar con la sexualidad de sus hijos adolescentes eran mayores que su facilidad, incluyendo el uso de prácticas represivas y mitos. La enseñanza de la sexualidad, especialmente a través del ejemplo, es fundamental a todas las edades, pero las familias tienen dificultades para cultivar un acercamiento con el tema a fin de fomentar un diálogo emancipador con sus hijos que contribuya a prácticas saludables. Es importante invertir más en acciones y programas que apoyen a las familias en la educación sexual de sus hijos.

**Palabras-clave:** Educación Sexual; Familia; Adolescencia; Sexualidad; Desarrollo Humano.



<sup>1</sup>Mestra em Psicologia Institucional. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Vitória, Brasil. [ligia.pimenta@edu.ufes.br](mailto:ligia.pimenta@edu.ufes.br)

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Vitória, Brasil. [celia.nascimento@ufes.br](mailto:celia.nascimento@ufes.br)

<sup>3</sup>Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil. [matheusphsr@gmail.com](mailto:matheusphsr@gmail.com)

## Introdução

O ambiente familiar é o primeiro contexto de interação e socialização, delineando referências importantes ao longo do desenvolvimento emocional e comportamental de seus membros, especialmente crianças e de adolescentes (Figueiró, 2020). Considerando uma perspectiva sistêmica, em interface com os aportes da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (Bronfenbrenner; Morris, 2006), compreende-se a família enquanto um grupo de pessoas que se relacionam de modo complexo, com laços de afinidade e/ou de convivência (Silva *et al.*, 2015). Assim, uma família não é formada obrigatoriamente por laços consanguíneos ou de parentesco entre seus membros; sua principal característica é a interdependência entre eles, que trocam informações, padrões de comportamento, valores e afetos transmitidos ao longo de gerações (Sombrio Cardoso *et al.*, 2020). Essas trocas ocorrem tanto entre os membros da família, quanto com outros personagens, símbolos e objetos, pertencentes a sistemas exteriores a ela (Bronfenbrenner; Morris, 2006).

Em contextos familiares com membros adolescentes, as interações entre adultos cuidadores e os adolescentes ocorrem com o adendo de que esses estão vivenciando um processo de desenvolvimento humano, no qual mudanças biopsicológicas significativas são esperadas, exigindo atenção e cuidado, como o desenvolvimento da sexualidade (Furlanetto *et al.*, 2019). Em uma perspectiva sistêmica, as transformações que ocorrem com os membros da família afetam o sistema familiar como um todo, por exemplo, quando os filhos adolescentes passam a questionar os valores e as regras familiares (Delatorre *et al.*, 2015). Dessa forma, os adolescentes podem experienciar conflitos relacionais na família, principalmente quando a supervisão parental é inadequada e limita [ou impede] o exercício de sua autonomia para tomar determinadas decisões – situação comum quando se trata da vivência da sexualidade (Angelo *et al.*, 2021; Brabo *et al.*, 2020; Furlanetto *et al.*, 2019).

Em se tratando do tema da sexualidade, fatores comuns à adolescência, como a ampliação de contextos de socialização, que podem implicar aproximação com os pares e maior distanciamento do núcleo familiar, e a busca por afirmação de sua identidade (Furlanetto *et al.*, 2019; Patrocínio; Nascimento, 2018), podem aumentar a preocupação dos responsáveis. Contudo, dificuldades dos cuidadores na relação com essas transformações podem levar à intensificação de conflitos e dificuldade de comunicação com os filhos adolescentes, com implicações para a educação sexual em família (Angelo *et al.*, 2021; Patias *et al.*, 2013). Esse cenário pode favorecer a entrada precoce em práticas sexuais. A vivência da sexualidade sem conhecimentos prévios sobre o assunto [que possam auxiliar na reflexão sobre o tema e na orientação de suas escolhas] expõe os adolescentes a situações de risco e interfere negativamente sobre sua saúde e integridade, como a possibilidade de maior contágio por IST e vivência de experiências traumáticas (Silva *et al.*, 2022). Nesse sentido, faz-se necessário o entendimento dos membros da família no que se refere à sexualidade e às práticas sexuais, de que a segurança é elemento essencial para evitar consequências negativas para todo o sistema familiar. Dessa forma, o incentivo ao diálogo aberto e à educação sexual na família são fatores importantes para proteção ao desenvolvimento dos adolescentes (Araújo; Lima, 2024; Lima *et al.* 2023; Rouhparvar *et al.*, 2022).

Em geral, a educação sexual (ES) realizada na família engloba a transmissão de suas crenças, valores e costumes (Furlanetto *et al.*, 2019; Rouhparvar *et al.*, 2022). Com o passar do tempo e o avanço das discussões sobre o tema, além do surgimento de novas perspectivas culturais sobre a sexualidade, podem ocorrer mudanças que repercutem nas práticas e costumes familiares face à ES que oferecem às crianças e aos adolescentes (Bedin *et al.*, 2020; Ribeiro; Monteiro, 2019). Contudo, muitas dessas mudanças, como a ampliação de informação disponível aos filhos, podem levar responsáveis a experienciarem entraves na condução da ES de seus filhos, seja pela dificuldade de compreensão do fenômeno, por timidez e consequente limitação familiar em manter diálogo aberto sobre o tema, ou pela crença na eficácia de práticas repressivas (Rapatão, 2015; Rouhparvar *et al.*, 2022; Savegnago; Arpini, 2013, 2014; Queirós, 2012; Zocca *et al.*, 2015).

Nesse sentido, considera-se importante a ampliação da circulação de informações sobre a sexualidade, bem como a criação de programas de governo voltados para problemáticas ligadas ao tema, com vias a possibilitar que famílias brasileiras tenham acesso ao paradigma emancipatório da educação sexual, isto é: que prepara crianças e adolescentes para uma vivência segura, autônoma e responsável da sexualidade (Figueiró,

2020). Mesmo que ao longo das duas primeiras décadas do século XXI tenha havido a expansão de políticas públicas no campo da sexualidade humana (Ribeiro *et al.*, 2019), indaga-se se, por essas serem relativamente recentes, as mudanças por elas provocadas têm impactado de forma positiva no conhecimento adquirido pelos responsáveis familiares e na qualidade da educação sexual oferecida aos adolescentes nesse contexto.

Acredita-se que o processo de ES de adolescentes deve ser conduzido de modo que lhes seja concedido mais que um conjunto de orientações preventivas [de caráter epidemiológico]. É preciso que eles tenham acesso a informações que abarquem temas como: integridade física, emocional, autonomia, autocuidado, confiabilidade etc.; ou seja: uma educação pelo paradigma emancipatório (Figueiró, 2020). No âmbito científico, o público de adolescentes e jovens tem sido objeto de várias investigações acerca de temáticas relacionadas à sexualidade, entretanto, durante a busca de materiais para a realização do presente estudo, verificou-se que ainda há baixa produção científica no Brasil abarcando todo o sistema familiar. Nesse direcionamento, nota-se a importância de que estudos analisem a educação sexual associada a problemáticas das relações humanas (como a dinâmica familiar), e que levem em conta “a cultura, o tempo, o lugar e os demais aspectos relacionais, contextuais e processuais que as envolvem” (Silva *et al.*, 2015, p. 678). Pelo exposto, a investigação de que trata este estudo consistiu em revisão narrativa de literatura (Casarin *et al.*, 2020), o enfoque foi dado em como o tema da sexualidade tem sido abordado no conjunto de produções científicas em torno da temática da ES no contexto familiar, com vias a responder e produzir análise crítica sobre a seguinte questão: *Como as famílias brasileiras têm tratado do tema da sexualidade com seus filhos adolescentes?*

## Método

Revisões narrativas (RN) têm como intuito a identificação e a descrição de produções anteriores sobre um determinado tema, com vias a buscar lacunas ainda não abordadas em estudos (Ferrari, 2015). Podem ter questões mais amplas e resultam, habitualmente, numa inovação conceitual (Casarin *et al.*, 2020). As etapas de uma RN contemplam a seleção de um tema ou pergunta que direcionam os procedimentos metodológicos, a saber: a) levantamento de informações na literatura científica; b) construção do *corpus* de revisão; c) leitura e análise; d) a redação da revisão com as devidas referências (Sousa *et al.*, 2018). A análise foi realizada com procedimentos da Análise Temática de Braun e Clarke (2019).

Optou-se pelo recorte temporal da década 2012-2022, devido à intensificação dos embates ideológicos, face à sexualidade humana em várias esferas sociais e ao aumento de produções científicas sobre o assunto neste período. Por conseguinte, dois pesquisadores procederam a busca do material e a criação de bancos de dados distintos, comparados em etapa posterior com a participação de um terceiro juiz. As bases de dados utilizadas para a busca foram: Scielo (Scientific Eletronic Library); Pepsic (Periódicos eletrônicos em Psicologia); LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); Redalyc (Sistema de Información Científica Redalyc, Red de Revistas Científicas); Portal de Periódicos CAPES, e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Os termos utilizados para o levantamento foram: “Educação Sexual” e/ou “Sexualidade”; “Adolescência”; combinados com “Família” e/ou “Contexto Familiar” e os equivalentes nos idiomas inglês e espanhol. A construção do *corpus* de análise foi realizada por meio da leitura e comparação do material pré-selecionado pelos dois pesquisadores. O terceiro juiz integrou a equipe para analisar a pertinência do conjunto componente do *corpus* à pergunta tema de pesquisa.

Considerou-se relevante para o presente estudo as produções que dispuseram de ao menos um dos seguintes elementos: descrição da abordagem utilizada para educação sexual em família, os valores e as práticas intrafamiliares, os aspectos culturais implicados no contexto familiar para a educação sexual. Não foram consideradas produções que trataram da educação sexual fora do contexto de trabalho com famílias brasileiras, tais como: levantamento e análise de documentos públicos e literatura paradidática. Optou-se por trabalhar com o contexto familiar de um modo amplo, sem especificidades.

Após a consulta às bases de dados, procedeu-se à leitura dos resumos e recuperação do material, com a devida exclusão dos que não se encontraram nos critérios estabelecidos. Foram encontradas 67 produções textuais, dentre as quais: 57 eram artigos, 06 dissertações e 04 teses. Ao final do processo de tematização,

26 produções foram selecionadas para compor o *corpus* de análise (02 teses, 02 dissertações e 22 artigos). As 41 produções excluídas não atenderam aos critérios de inclusão do presente estudo.

Todas as 26 produções selecionadas foram submetidas à leitura criteriosa de seu conteúdo na íntegra e, como resultado dessa, foram selecionados e agrupados trechos que tratavam de temas relevantes ao objetivo do trabalho. O material selecionado foi codificado e organizado em temas norteadores para a produção do texto, quais sejam: *Educação Sexual pela perspectiva dos Responsáveis*; *Educação Sexual pela perspectiva dos Adolescentes*; *Questões de gênero e diversidade na educação sexual na família*; *A mãe como figura central na educação sexual dos adolescentes*; *Reflexões conclusivas sobre a educação sexual na família brasileira com adolescentes*.

## Resultados

### Educação Sexual pela perspectiva dos responsáveis: tema importante, mas difícil

Sob o prisma dos responsáveis, sendo esses pais, mães e avós, foram encontradas informações nos estudos analisados as quais revelaram que, embora esses considerem a importância da educação sexual, em geral, verificam-se dificuldades no estabelecimento de diálogo direcionado à educação sexual dos filhos e filhas adolescentes. Entre as dificuldades encontradas para que a ES ocorra na família, verificou-se que muitos responsáveis justificam que esperam a oportunidade correta para dialogar sobre o tema, mas, ao mesmo tempo, têm receio de o fazer. Parte das dificuldades se deve aos sentimentos de vergonha, desconforto e medo vivenciados pelos responsáveis, além de seu desconhecimento sobre a temática. Assim, não tratar do assunto é considerado como uma estratégia para evitar passar por constrangimentos diante dos filhos (Machado, 2017).

O estudo de Machado (2017), oriundo de sua tese, investigou a construção dos saberes sobre a sexualidade pelas famílias ao longo da vida. Segundo a autora, os pais tentam se preparar, ensaiando previamente o que vão falar para os filhos, contudo, outros acreditam – por vergonha ou pudor – que a tarefa de educar para a sexualidade não faz parte de suas atribuições na criação dos filhos. Os responsáveis apostam na esperança de que a geração dos filhos terá mais êxito na comunicação sobre o tema, se comparada à deles (Machado, 2017).

Verificou-se que, apesar de por própria experiência saberem que a adolescência é um período em que ocorre uma vivência mais intensa da sexualidade, alguns responsáveis evitam tratar de conteúdos relacionados por acreditarem que uma maior abertura sobre o tema implicaria a adoção de conduta permissiva, influenciando os filhos à iniciação sexual (Nery *et al.*, 2015; Queiros, 2012). Também atribuem à timidez (dos filhos e a própria) a dificuldade encontrada para ensinar e conversar sobre o tema (Machado, 2017; Nery *et al.*, 2015; Queirós, 2012; Rapatão, 2015; Savegnago; Arpini, 2016a, 2016b, 2014).

Outra dificuldade dos responsáveis está na ausência de consenso sobre quem deve tomar a iniciativa pela abordagem do tema, bem como escolher o momento para que essa ocorra. Há famílias que atribuem a si próprias essa responsabilidade, seguido da escola e das instituições religiosas (Queirós, 2012). Irmãos mais velhos também são mencionados como figuras que assumem essa função quando os pais não conseguem ensinar (Savegnago; Arpini, 2016b). Algumas famílias alegam que a iniciativa sobre o assunto sexualidade deve partir do próprio adolescente, e que não há necessidade de abordagem do tema em contextos nos quais não há procura por informações (Rapatão, 2015). Há também a menção de que não é preciso muita preocupação, uma vez que há espaços, como a escola, que assumem o papel informativo (Savegnago; Arpini, 2016b). Todavia, verificou-se que ocorrem críticas das famílias sobre o modo como as instituições escolares lidam com o tema, com a justificativa de que deveria ser direcionada apenas a adolescentes maiores de 15 anos (Savegnago; Arpini, 2016b).

Outro ponto destacado nos estudos sob análise foi o uso pelos responsáveis de práticas repressivas e de mitos para o controle do comportamento dos filhos e filhas. Foram identificados conteúdos como: imposição de regras para proibição dos filhos de falarem sobre qualquer assunto que remetesse à sexualidade e ao uso de castigos; além da reprodução de mitos, como a possibilidade de engravidar por meio do beijo ou

pelo contato com o assento utilizado por um homem. Segundo Savegnago e Arpini (2018, p. 16), “um dos motivos pelo qual é difícil falar de forma aberta sobre o tema da sexualidade é o fato de que este assunto ainda é envolto por muitos preconceitos, mitos, tabus e por uma forte carga emocional”.

Por outro lado, nos estudos analisados, pôde-se também verificar que algumas famílias reconhecem que a ES pode ser facilitada pela postura de acolhimento e de orientação sobre sexualidade com os filhos, bem como pela abordagem de temas como a prevenção ao contágio por IST e as gestações não planejadas (Furlanetto *et al.*, 2019). Verificou-se que a orientação precoce, adotada por algumas famílias, visa a prevenir surpresas diante de questionamentos sobre sexualidade e proporcionar um ambiente favorável para que os adolescentes possam focar em seus estudos e na construção de sua identidade (Danzmann *et al.*, 2022). É importante, dessa forma, salientar que, apesar da presença de fatores que prejudicam e dificultam a concretização do diálogo sobre sexualidade, uma parcela dos familiares responsáveis reconhece a importância da educação sexual, e busca orientar seus filhos adolescentes (Queirós, 2012; Savegnago; Arpini, 2016a, 2016b). Há esforço por parte desses para superar entraves no diálogo, buscando utilizar eventos ocorridos em sua própria história, como exemplo na educação sexual dos filhos (Delatorre *et al.*, 2015, Savegnago; Arpini, 2013).

### **Educação Sexual pela perspectiva dos adolescentes: contextos de aprendizagem**

Sob o prisma dos adolescentes, ressaltou-se na análise os contextos nos quais a ES ocorre. Foram identificados quatro contextos principais mencionados por adolescentes nos estudos: família, amigos, escola, e por meio do uso de dispositivos tecnológicos (acesso aos conteúdos disponíveis na internet e trocas de mensagens). Em cada um dos contextos citados foi possível identificar situações em que a ocorrência de diálogo é facilitada ou prejudicada.

No contexto familiar, ainda considerado como o ambiente de preferência para aprendizagem sobre o tema pelos adolescentes, verifica-se que o diálogo ocorre de maneira facilitada, sobretudo, quando os responsáveis já vivenciaram alguma dificuldade relacionada ao tema em sua juventude e desejam que com os filhos seja diferente. Neste ínterim, a figura da avó é mencionada por eles como alguém que pode auxiliá-los devido à ampla experiência de vida (Marcondes *et al.*, 2021; Savegnago; Arpini, 2013).

Em contrapartida, as dificuldades no diálogo se dão, principalmente, por desconforto dos pais no trato dos assuntos que envolvem a sexualidade e pela resistência dos filhos (Silva *et al.*, 2021). Os adolescentes reiteram que, mesmo quando eles fazem perguntas, em muitos casos, os pais não abordam o assunto por acharem que não estão no tempo adequado para serem informados sobre ele (Danzmann *et al.*, 2022). Segundo os adolescentes, outra postura utilizada pelos responsáveis é desviar do assunto de forma mais aberta, recorrendo a mitos, como demonstrado no relato contido no estudo de Savegnago e Arpini (2013, p. 937): “a minha prima, ela estava olhando televisão e ela viu cenas de sexo. Aí ela pediu: ‘Mãe, o que é sexo?’. Aí a mãe dela disse: ‘Oh, se tu fizer isso as tuas pernas vão ficar tortas e tu nunca mais vai conseguir andar!’”.

Adolescentes também mencionam o contexto de amizade como propício para a aprendizagem sobre a sexualidade. Por exemplo, consideram a busca de informação com amigos que já tenham experiências e que possam sanar dúvidas. Essa aproximação ocorre também pelo fato de que muitos adolescentes sentem medo de falar com os pais, optando por recorrer aos seus pares como fonte de informação, ainda que haja receio de exposição de sua intimidade por parte dos amigos (Gondim *et al.*, 2015).

A escola foi apontada como outro contexto de no qual a ES ocorre. Os adolescentes avaliam que é um ambiente onde podem acessar algumas informações, ainda que exista o sentimento de desconforto e o receio de serem expostos pelos professores. O conteúdo sobre sexualidade ensinado na escola não é avaliado como sendo suficiente para ensinar sobre todos os aspectos do fenômeno, por ter o foco em questões anatômicas, mas ajuda os adolescentes a perceberem o risco de exposição e contaminação por IST, por exemplo (Furlanetto *et al.*, 2019). Esses avaliam, ainda, que o conteúdo programático não os auxilia na tomada de decisão quanto à iniciação sexual, o que é atribuído ao fato de que há recriminação de muitas famílias em relação ao conteúdo ministrado (Marcondes *et al.*, 2021).

Por fim, o uso de ferramentas tecnológicas é mencionado como um importante espaço de aprendizagem da sexualidade pelos adolescentes. Adolescentes trocam mensagens entre os pares e buscam informações na internet – local que consideram ser um ambiente confortável e confiável para elucidar dúvidas (Furlanetto *et al.*, 2019).

### **Questões de gênero e diversidade na educação sexual na família**

Esse tema compareceu de forma transversal nos estudos tanto para responsáveis como para os adolescentes. Foram identificadas informações relativas à diferença imposta pelos pais na criação de meninas e meninos, bem como a presença da LGBTQIAP+fobia nas relações familiares (Freitas *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2015; Soliva; Silva Junior, 2014), além de prevalência da cuidadora feminina como responsável pela educação sexual na família. No contexto das adolescentes do sexo feminino, as pesquisas indicaram que essas jovens são orientadas a evitar brincadeiras ou interações com meninos, sob o risco de serem estigmatizadas com termos pejorativos (Carvalho *et al.*, 2019). As adolescentes relataram que são limitadas em relação a sair para dormir em outra casa, e são orientadas a não usarem saias e roupas curtas; isso se deve, principalmente, ao medo de suas mães frente à possibilidade de gestação precoce e de serem tachadas como vulgares (Silva *et al.*, 2021).

Em relação a LGBTQIAP+fobia, foi possível identificar que o receio de que haja incompreensão e postura agressiva por parte dos pais faz com que muitos adolescentes evitem expor suas questões sobre o tema e buscar apoio na família (Furlanetto *et al.*, 2019). Assim, questões sobre gênero e diversidade perpassam os discursos dos responsáveis e se caracterizam como elementos que prejudicam a comunicação intrafamiliar.

No que se refere à figura responsável pela ES dos adolescentes, a mãe aparece como a pessoa de referência para os adolescentes, em ambos os eixos – principalmente em se tratando de meninas (Machado, 2017). A mulher assume o papel de educadora sexual por dois motivos principais: o primeiro deles é o fato de que os companheiros lhes delegam a tarefa; e, em segundo, porque, diante da ausência de apoio dos cônjuges, preferem assumir a responsabilidade e evitar que os filhos passem por dificuldades semelhantes por ausência de informação (Machado, 2017).

Nos estudos analisados, a figura paterna foi apontada como alguém que, majoritariamente, não se envolve de forma direta na educação sexual, seja pela justificativa de não gostar do assunto e do cansaço da jornada de trabalho, pelo uso da força física ou por impedir que adolescentes, principalmente as meninas, expressem-se sobre o tema (Delatorre, 2015; Savegnago; Arpini, 2013). No caso das mães, os estudos apontam que elas possuem maior dificuldade para dialogar sobre sexualidade com os filhos do sexo masculino (Savegnago; Arpini, 2014), uma vez que atribuem essa tarefa à figura paterna (Savegnago; Arpini, 2016b). Todavia, os relatos reforçam a assimetria do cuidado, cabendo à mãe o papel de figura central na ES de filhos e filhas (Machado, 2017).

## **Discussão**

### **Reflexões conclusivas sobre a educação sexual na família brasileira com adolescentes**

Os temas encontrados evidenciaram que as famílias brasileiras lidam com a questão da sexualidade com seus filhos adolescentes de maneira pouco coesa. Em geral, a educação recebida pelos adolescentes é permeada de valores, crenças e aprendizados embasados na trajetória de vida dos membros da família (Marcondes *et al.*, 2021; Savegnago; Arpini, 2013). Nota-se que, habitualmente, os responsáveis tendem a negligenciar os aspectos afetivos e emocionais da sexualidade, e restringem suas orientações a questões de cunho biológico (Danzmann *et al.*, 2022; Furlanetto *et al.*, 2019; Machado, 2017; Savegnago; Arpini, 2016b, 2014). Além disso, as dificuldades em lidar com a sexualidade de filhos adolescentes apontadas pelas famílias na literatura científica brasileira foram maiores do que as facilidades. Esse quadro faz com que exista uma série de lacunas no conhecimento compartilhado com os filhos, que se consolida na postura omissa de alguns responsáveis em relação ao tema, e por seu próprio desconhecimento de causa (Machado, 2017; Savegnago; Arpini, 2016b, 2014; Nery *et al.*, 2015). Sobre o sentimento de despreparo, familiares alegaram não possuir o conhecimento necessário para sanar as dúvidas dos adolescentes sobre sexualidade (Machado, 2017;

Savegnago; Arpini, 2016b, 2014; Nery *et al.*, 2015) – fato que evidencia a lacuna na educação sexual recebida pelos responsáveis.

Em grande parte do material analisado foi possível evidenciar que, ainda, a ausência de diálogo está aliada à imposição de regras e valores morais nas famílias brasileiras. A presença de práticas repressivas e mitos no âmbito familiar, além de ser um equívoco científico, impede que o diálogo se estabeleça de forma emancipatória e, portanto, mais saudável (Furlanetto *et al.*, 2019; Savegnago; Arpini, 2018). A preferência por postergar o início da vida sexual dos filhos, apontada por várias famílias brasileiras, coloca como condição para os adolescentes que esses tenham uma posição educativa e profissional sólida; porém, implica o igual adiamento de discussões sobre o assunto (Danzmann *et al.*, 2022). Tal postura se caracteriza como incoerente ao discurso preventivo pela educação, denotando ser mais um paliativo para a afirmação da postura ideológica e religiosa das famílias, do que uma prática de cuidado propriamente dita para com a vivência da sexualidade.

Outro ponto que reforça a incoerência na ES familiar é a presença da noção equivocada de que existe um período exato da vida para se tratar do tema, qual seja: a entrada na adolescência. Ao mesmo tempo em que os responsáveis reforçam tal tese, essas não têm cultivado a aproximação com o tema na família de forma a favorecer um diálogo emancipatório com seus filhos adolescentes, resultando em uma carência de conhecimento sobre a sexualidade humana (Queirós, 2012). Nota-se que essa postura reforça atitudes negativas sobre a sexualidade, tais como a manutenção de tabus e o receio de que a educação familiar tenha que adentrar em um tema velado. É como consequência dessa postura que ocorre a transferência involuntária da responsabilidade educativa para outros personagens (instituição religiosa, profissionais da saúde, assistência social, educação) (Queirós, 2012).

No que se refere à religiosidade, essa foi apontada como importante para a formação de valores pessoais e familiares sobre a sexualidade (Marcondes *et al.*, 2021). Nota-se que diferentes religiões dispõem de maneiras variadas de pensar e lidar com esse aspecto da vida, e os conteúdos transmitidos ainda direcionam comportamentos e pensamentos que são determinantes para o modo como a família repassa aos adolescentes a educação sexual. Apesar de os responsáveis reiterarem que a família deve ser a promotora de ensinamentos sobre o tema, é comum que ocorra a transferência de responsabilidade da educação sexual dos filhos para núcleos religiosos, sob a alegação de que esses dispõem de ferramentas adequadas para ensinar. Porém, religiões cuja fundamentação teológica reforça a castidade e [muitas vezes] o celibato, encontram resistência dos adolescentes no que se refere a seguir suas regras, sobretudo quando essas são ensinadas como dogmas. Em contrapartida, quando repassadas de maneira não impositiva e dogmática, podem agir como um direcionamento para a vida desses adolescentes de modo saudável – assim como no caso mencionado em Marcondes *et al.* (2021).

Quando a ES se estende para a escola, verifica-se que as famílias veem a instituição como aliada, mas acreditam que os conteúdos ensinados precisam ser monitorados pelos responsáveis para que não haja apresentação de temas inadequados à idade em que os filhos se encontram (Araújo; Lima, 2024; Savegnago Arpini, 2013). Essas informações reforçam que, apesar de apostarem na escola como apoio, os pais exigem o monitoramento das informações repassadas, todavia, não o fazem. Não há consenso sobre como esse monitoramento deve ser feito, e quem definiria os assuntos a serem tratados com os adolescentes. Nesse sentido, persiste a inconsistência entre o que se acredita que deve ser feito e o que é mais favorável para a ES dos adolescentes.

Por outro lado, estudos mostraram que famílias brasileiras acreditam que a escola é mais apta e precisa assumir o papel de abordar assuntos relacionados à sexualidade (Rapatão, 2015; Savegnago; Arpini, 2013, 2014). Acrescenta-se ainda que os temas abordados na escola são os que os familiares indicaram que têm mais facilidade de abordar (gravidez precoce e o contágio por IST). Isso demonstra que os responsáveis têm facilidade para conversar sobre os temas que eles mesmos tiveram acesso ao longo da vida: em geral aqueles que têm relação com o paradigma médico preventivista. Essa análise reforça a importância de ações e programas voltados à preparação da família na abordagem ampla do tema da sexualidade (Araújo; Araújo Lima, 2014; Angelo *et al.*, 2021). Autores apontam que as mães, principal personagem na ES, têm recorrido aos profissionais das Unidades Básicas de Saúde ou às equipes da Estratégia da Saúde Família para que seus filhos tenham acesso a explicações sobre diversas questões relacionadas à sexualidade, como prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos (Savegnago; Arpini, 2014).

Verificou-se que um contexto seguro de aprendizagem é valorizado – e aproveitado – pelos adolescentes, ainda que a adolescência seja marcada pelo desejo de autonomia, inserção social e interação extrafamiliar. Enquanto adolescentes anseiam pela possibilidade de tratar sobre assuntos como as orientações sexuais, identidades e papéis de gênero, os responsáveis estão preocupados majoritariamente com o contágio por IST e a evitação de uma gravidez precoce. Contudo, a busca pela sensação de prazer, aceitação, experiência de intimidade e de reciprocidade afetiva sem orientação adequada pode levar adolescentes a comportamentos arriscados (ex.: uso de bebidas alcóolicas e psicoativos, práticas sexuais sem prevenção), gravidez precoce, contágio por IST e a vivenciarem situações de violência (no namoro e sexual) – como apontado por Patrocínio e Nascimento (2018).

Apesar da preocupação com a vivência da sexualidade dos adolescentes ser majoritariamente direcionada pela família [e sociedade] à prevenção de IST, existem outros riscos que são de ordem emocional e psicológica. Daí a importância de que a educação sexual seja desempenhada considerando o contexto dos adolescentes com seus próprios fatores de influência (Figueiró, 2020; Furlanetto *et al.*, 2019). Há casos em que a resistência e o constrangimento dos familiares acarretam ausência completa de discussões relacionadas à sexualidade, ainda que o adolescente busque iniciar o diálogo e solicite orientações (Queirós, 2012; Savegnago; Arpini, 2016b). Acrescenta-se que o uso de castigos físicos e a prática de violência psicológica são fatores que dificultam a comunicação e o estabelecimento de relações proximais positivas (Bronfenbrenner; Morris, 2006), sobretudo entre responsáveis do sexo masculino e adolescentes meninas (Savegnago; Arpini, 2013).

Reitera-se que outros contextos foram evidenciados pelos adolescentes como importantes meios de aprendizagem sobre a sexualidade. São eles: amigos, escola, com destaque para as tecnologias de informação e comunicação (Danzmann *et al.*, 2022; Marcondes *et al.*, 2021; Furlanetto *et al.*, 2019; Gondim *et al.*, 2015; Savegnago; Arpini, 2013). O risco do uso dessas tecnologias sem monitoramento se dá pelo fato de que elas se tornam um local impróprio para a aprendizagem, no sentido de que os adolescentes têm acesso irrestrito a conteúdos que podem não ser adequados para sua idade. Responsáveis apontam a internet como um perigo potencial, dado à existência de conteúdos inapropriados à idade, mas esses não conseguem realizar o controle de acesso dos filhos. De fato, é preciso adequar os conteúdos a cada faixa etária; entretanto, nota-se que as dificuldades narradas pelos adolescentes ocorrem devido a um conjunto complexo de fatores que dizem respeito ao pudor e ao silenciamento entre gerações, deixando velado o tema da sexualidade (Furlani, 2017; Rapatão, 2015).

No que se refere à transmissão intergeracional de conhecimento, a figura da avó foi apontada pelos adolescentes como aliada no aprendizado sobre a sexualidade. Esse fato importante, apresentado nos relatos dos estudos levantados, foi associado ao fato de que a avó exerce a função de responsável pela criação dos netos. Isso porque, no estudo no qual as avós foram mencionadas, as mães/pais não dispunham de condições para criá-los, uma vez que tiveram seus filhos ainda na adolescência. Assim, as experiências pessoais das avós muitas vezes favorecem a abertura ao diálogo com os adolescentes – um aspecto proximal positivo para a ES dos netos – e, conseqüentemente, para o desenvolvimento socioemocional desses (Savegnago; Arpini, 2013).

Verificou-se, ainda, o papel da mãe como principal transmissora de conhecimento sobre o tema da sexualidade humana, o que reforça os estereótipos de gênero presentes na sociedade brasileira; em que cabe à figura masculina o papel de provedor financeiro, e à mulher a de cuidado com a criação e orientação para o futuro. Esse dado corrobora com o fato de que a assimetria no cuidado parental tem historicamente colocado as mulheres como responsáveis pelo cuidado e demonstração de afeto nas relações familiares, eximindo dessa atribuição a figura masculina – legitimada a empreender a educação pela força.

Afirma-se que a ES no âmbito familiar deve ser iniciada ainda na infância, levando-se em consideração os conteúdos adequados e os objetivos que os responsáveis têm para tal (Furlani, 2017). É imprescindível as famílias compreenderem que não é o fator reprodutivo que justifica as manifestações sexuais, a descoberta do corpo está intimamente ligada com a aprendizagem e a expressão da sexualidade humana.

Os oito princípios para uma educação sexual formal, elaborados por Furlani (2017), também se aplicam às práticas possíveis para a família. Os pontos a seguir podem ser considerados pelos responsáveis para que a ES ofertada seja de caráter emancipatório: a) a ES no âmbito familiar deve começar na infância; b) descobrir o corpo é aprender sobre si e expressar a sua sexualidade; c) não é o ato de reprodução que justifica as

manifestações sexuais, isto é: somos seres complexos e a sexualidade tem características biopsicossociais e culturais; d) meninos e meninas devem aprender sobre os mesmos conteúdos; e) há conteúdos adequados a cada faixa etária; f) evitar lacunas nas conversas sobre o tema, para tal é preciso que se responda aquilo que o filho perguntar. E caso não saiba o que responder, é importante que se busque ajuda ou pesquise sobre o tema. Os familiares são capazes de entender que a iniciação sexual é um processo inevitável na vida de seus filhos, sendo fundamental fornecer as devidas orientações para evitar que eles se engajem em comportamentos de risco.

Para que haja facilidade do diálogo sobre sexualidade é preciso que as famílias brasileiras busquem manter uma relação de confiança e de proximidade positiva com os adolescentes (Bronfenbrenner, 2005). Os responsáveis devem se atentar ao zelo por aspectos cruciais na consolidação de um vínculo protetivo recíproco. Nesse sentido, destacam-se como fatores importantes para que a ES ocorra de forma emancipatória e saudável na família: a) ter iniciativa para o diálogo; b) abordar o tema de forma aberta; c) reduzir o sentimento de vergonha; d) não utilizar práticas repressivas na educação sexual; e) escutar atentamente às colocações dos adolescentes e responder as dúvidas, ainda que para tal precise buscar ajuda em sistemas externos ao familiar; e, f) compreender que os adolescentes também são capazes de ensinar sobre aspectos da sexualidade a partir de suas próprias vivências (Figueiró, 2020; Furlani, 2017).

Os valores familiares são importantes e precisam ser discutidos com as crianças e adolescentes, mas não devem ser impostos a eles. A família deve ser capaz de justificar o porquê de adotar uma determinada postura sobre a sexualidade, de modo que as crianças possam decidir se querem ou não seguir os valores. Isso não implica permitir que o adolescente seja desrespeitoso, mas empático e que desenvolva capacidade de tomar decisões face à sua própria vida. Valores como respeito, solidariedade e direitos humanos também fazem parte da ES e famílias que dialogam com respeito e empatia conseguem estabelecer vínculos proximais duradouros e positivos entre si.

## Considerações finais

O presente estudo demonstrou que as famílias brasileiras ensinam sobre sexualidade a seus filhos adolescentes de maneira pouco coesa. Elementos religiosos se sobrepõem ao diálogo emancipatório, e a afirmação da necessidade de acompanhamento desse aspecto da vida dos adolescentes não se concretiza, uma vez que esses têm acesso irrestrito a conteúdos muitas vezes inapropriados, por meio do uso das tecnologias e do compartilhamento de informações com amigos. Apesar de entenderem a escola como importante âmbito de ensino, no que se refere à sexualidade, as famílias preferem que o tema seja monitorado, fato que demonstra incoerência entre o que se espera da instituição e o que se permite ser feito.

Outra contradição no discurso e prática das famílias é caracterizada pelos conteúdos por elas ensinados. Os resultados demonstraram que os responsáveis têm facilidade em tratar apenas de conteúdos que já são abordados na grade curricular da escola. E, mesmo reforçando a importância de que os filhos aprendam sobre o tema, em geral, não se sentem aptos a ensiná-los (por vergonha, timidez, e por desconhecimento de causa face a novos temas). Os adolescentes anseiam discutir aspectos socioculturais da sexualidade (como as orientações sexuais, identidades e papéis de gênero), que são mais presentes em seu cotidiano; enquanto os responsáveis se preocupam com aspectos biológicos (a gestação, por exemplo).

No que se refere às potencialidades deste estudo, verifica-se que, tal como preza a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento, a realização de pesquisas em contextos de desenvolvimento das famílias pode proporcionar dados mais fidedignos para a elaboração e implementação de programas e intervenções eficazes aos contextos nos quais vivem. Nesse sentido, acredita-se que, por meio da análise crítica dos resultados obtidos, o presente estudo contribui para a construção de um panorama acerca de como as famílias brasileiras têm tratado o tema da sexualidade humana. Uma das lacunas encontradas refere-se à ausência de estudos voltados às intervenções psicossociais com famílias, tendo em vista que a maior parte das pesquisas fora desenvolvida no âmbito da saúde e da educação.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Nesse sentido, agradecemos à instituição pelo fomento à pesquisa realizada.

## Referências

ANGELO, L. K. G. *et al.* Influência familiar e de outras fontes de informações na construção dos conhecimentos dos adolescentes acerca da sexualidade. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 2, p. 20433–20444, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25367>. Acesso em: 03 jan. 2025.

ARAÚJO, G. L. L.; LIMA, D. M. A. Perspectiva dos pais sobre educação sexual relacionada a violência sexual contra crianças no âmbito intrafamiliar em uma escola de Fortaleza. *Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade*, v. 11, n. 26, p. 92-113, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/19816>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BEDIN, R. C.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. M. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil: sexologia e educação sexual do século XIX aos nossos dias. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 27, p. 71-88, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5160>. Acesso em: 02 out. 2024.

BRABO, T. S. A. M.; SILVA, M. E. F.; MACIEL, T. S. Gênero, sexualidades e educação: cenário das políticas educacionais sobre os direitos sexuais e reprodutivos de jovens e adolescentes. *Práxis Educativa*, v. 15, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/894/89462860009/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/2159676X.2019.1628806>. Acesso em: 14 jan. 2025.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. The bioecological model of human development. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (ed.). *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*. V. 1. Wiley, 2006. p. 793-828.

CARDOSO, A. S. *et al.* Representações sociais da família na contemporaneidade: uma revisão integrativa. *Pepsic: Periódicos de Psicologia*, v. 24, n. 1, p. 29-44, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1679-494X2020000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2020000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 24 fev. 2024.

CARVALHO, J. B.; MELO, M. C. A família e os papéis de gênero na adolescência. *Psicologia & Sociedade*, v. 31, e168505, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/gNFmX6vGgKQ6gCjyQzv4CMS/>. Acesso em: 29 maio. 2024.

CASARIN, S. T. *et al.* Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, v. 10, n. 5, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924>. Acesso em: 10 jun. 2022.

DANZMANN, P. S. *et al.* La educación sexual en la percepción de padres y adolescentes: una revisión sistemática. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 11, e3981, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1377598>. Acesso em: 11 jan. 2025.

DELATORRE, M. Z.; PATIAS, N. D.; DIAS, A. C. G. Práticas educativas e relacionamento entre pais e filhas adolescentes grávidas e não-grávidas. *Journal of Human Growth and Development*, v. 25, n. 2, p. 141–150, 2015. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-12822015000200002&lng=pt&nrm=iso](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12822015000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 13 jan. 2025.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação Sexual no dia a dia*. 2 ed. rev., atual. e ampl. Londrina: Edel, 2020.

FREITAS, S.; BERMÚDEZ, X. P. D.; MÉRCHAN-HAMANN, E. Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade. *Saúde e Sociedade*, v. 30, n. 2, e190351, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/3w9jBmwRyp7yzFNBy4cSpYv/>. Acesso em: 08 jun. 2024.

FURLANETTO, M. F.; MARIN, A. H.; GONÇALVES, T. R. Acesso e qualidade da informação recebida sobre sexo e sexualidade na perspectiva adolescente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 3, p. 644–664, 2019. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812019000300006](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000300006). Acesso em: 08 jun. 2024.

FURLANI, J. *Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GONDIM, P. S. et al. Accessibility of adolescents to sources of information on sexual and reproductive health. *Journal of Human Growth and Development*, v. 25, n. 1, p. 50–53, 2015. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822015000100006](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000100006). Acesso em: 14 jan. 2025.

LIMA, L. V. de et al. Educação sexual com adolescentes no contexto familiar à luz da (anti)dialogicidade freireana. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 27, e220651, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/DGY96d5xYCRFxCYvr4b5LMg/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MACHADO, A. C. C. *Sexualidade na Adolescência: Desafios para a Enfermagem na busca da construção de saberes junto aos familiares dos adolescentes*. 2017. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.bdtd.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=13409](http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13409). Acesso em: 06 fev. 2025.

MARCONDES, F. L. et al. Educação sexual entre adolescentes: um estudo de caso. *Nursing (São Paulo)*, p. 5357–66, v. 24, n. 274, 2021. Disponível em: <https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/770/1511>. Acesso em: 28 jan. 2025.

NERY, I. S. et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 28, n. 3, p. 287–292, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/9mgxX6s5dDcKsGybqQmfB8p/>. Acesso em: 19 out. 2023.

PATIAS, N. D.; GABRIEL, M. R.; DIAS, A. C. G. A família como um dos fatores de risco e de proteção nas situações de gestação e maternidade na adolescência. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 13, n. 2, p. 586–610, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v13n2/v13n2a11.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

PATROCÍNIO, A. P. M.; NASCIMENTO, C. R. R. O consumo de bebida alcoólica na adolescência: com a palavra, os jovens. In: ROSA, E. M.; NASCIMENTO, C. R. R.; NASCIMENTO, D. B. (Org.). *Jovens e adolescentes: contextos e vivências no Espírito Santo*. 1 ed. Vitória: GM, 2018.

QUEIRÓS, P. S. *Concepções de pais de adolescentes escolares sobre temáticas relacionadas à sexualidade humana*. 2012. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Goiás, Goiânia. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/127/o/Pollyanna\\_Siqueira\\_Queir%C3%B3s.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/127/o/Pollyanna_Siqueira_Queir%C3%B3s.pdf). Acesso em: 04 out. 2023.

RAPATÃO, A. S. C. *Educação sexual, saúde e sexualidade: (Re) significando as relações entre pais e filhos*. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/136056>. Acesso em: 09 set., 2023.

RIBEIRO, P. R. M.; MONTEIRO, S. A. S. Avanços e retrocessos da educação sexual no Brasil: apontamentos a partir da eleição presidencial de 2018. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. 2, p. 1254–1264, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12701/8337>. Acesso em: 14 jul. 2023.

ROUHPARVAR, Z.; JAVADNOORI, M.; SHAHALI, S. Parents' approaches to sexuality education of their adolescent boys: a qualitative study in Ahvaz, Iran. *Reproductive Health*, v. 19, n. 1, p. 69, 2022. Disponível em: <https://reproductive-health-journal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12978-022-01367-0>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*, v. 43, p. 924–947, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/mF65NKfPwGNbqxrbLqJmQr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2023.

SAVEGNAGO, S.; ARPINI, M. D. Diálogos sobre sexualidade na família: reflexões a partir do discurso de meninas. *Psicologia Argumento*, v. 32, n. 76, 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20073>. Acesso em: 14 jul. 2023.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. A abordagem do tema sexualidade no contexto familiar: o ponto de vista de mães de adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, p. 130–144, 2016a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/XrMdF8pCgCkVyRT3KJFCZcG/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Atravessamentos das histórias maternas na relação com filhos(as) adolescentes e a sexualidade. *Contextos Clínicos*, v. 9, n. 2, p. 178–193, 2016b. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822016000200005](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000200005). Acesso em: 14 jul. 2023.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Olhares de mães de grupos populares sobre a educação sexual de filhos adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 18, n. 1, p. 08–29, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1808-42812018000100002&lng=pt&nrm=iso&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812018000100002&lng=pt&nrm=iso&lng=pt). Acesso em: 14 jul. 2023.

SILVA, F. A. et al. Metodologia problematizadora na educação sexual de adolescentes no sul do Pará. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, p. 172–185, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/saude/educacao-sexual>. Acesso em: 16 jul. 2023.

SILVA, G. A. et al. Informações sobre sexo e sexualidade na adolescência: uma barreira a ser vencida. *HU Revista*, v. 47, p. 1–7, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/hurevista/article/view/33961>. Acesso em: 16 ju. 2023.

SILVA, M. M. de L. et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia*, v. 23, n. 3, p. 677–692, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751492012>. Acesso em: 24 fev. 2024.

SOLIVA, T. B.; SILVA JUNIOR, J. B. da. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 17, p. 124–148, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/9BLMb9C7BrNHcMKCV94pWgK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2025.

ZOCCA, A. R. et al. Percepções de adolescentes sobre sexualidade e educação sexual. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 10, n. 2, p. 1463–1476, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6202614.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Recebido em: 13/01/2025

Aprovado em: 01/03/2025